

Ódio

J. Roberto Whitaker Penteadado

Um filme intrigante, poderoso, tão ousado que quase tem um "final feliz" de morte e violência. Trata-se de *Caráter*, do holandês Mike van Diem, produzido em 1997, ganhador do Oscar de 1998 para melhor filme estrangeiro (talvez o único prêmio da Academia que tenha algum valor). E que eu só vi agora, em DVD, em casa.

O enredo: um pai que odeia o filho - e que acaba produzindo, neste, um ódio, a princípio surdo, contido, mas que vai crescendo e se torna explosivo. A mãe, que odeia a ambos, de um ódio mais disfarçado, melífluo, camuflado num ponteagudo silêncio. Os críticos daqueles anos do século passado aplaudiram e concordaram que se tratava de boa arte cinematográfica, influenciada por dois grandes artistas góticos: Kafka e Dickens. Eu, cinéfilo antigo, gostei particularmente do tratamento bem holandês, bem europeu - dado aos personagens principais - de nunca chamar ninguém pelo prenome: o pai é Dreverhaven e o filho, bastardo, Katadreuffe. Mesmo o personagem bonzinho (e, importante, que não é da família) - uma caricatura inspirada em Doré - tem nome mefistofélico: De Gankelaar.

Como e por que se podem odiar tanto as pessoas de mesmo sangue? Certamente caberá uma ou mais respostas aos estudiosos da alma, os psicólogos.

O jornalista observa e relata.

O destino viajante põe-me ao lado de uma mãe e uma filha numa viagem entre Rio e S. Paulo. Detalhe: a filha tem mais de setenta. Quantos e quão longos anos terá a mãe?

A filha-anciã cuida e faz que cuida da mãe-anciã. E, enquanto atende às suas necessidades de neoinfante, vai descrevendo - em voz alta, para ser ouvida por todos - as limitações da velha: você está se emporcalhando toda; por que não pede as coisas que precisa; diga "por favor"; diga "obrigado"; você está toda molhada; ela é diabética, mas insiste em comer o que não deve - etc. etc.

Tradução: morra morra morra morra morra ...

Um maniqueísmo portátil levar-me-ia a ajuizar: filha má, perversa, agride a mãe indefesa, estatelada. Será? O que terá aquela pessoa feito - ou deixado de fazer - quando era ela a detentora do imenso poder adulto, diante de uma criancinha? E mais - através da infância, adolescência, jovem maturidade - quanta agressão? Quanto ódio? Ou o quê?

Como a crônica é minha, vou terminá-la como naquela antiga anedota italiana: - Acho que prefiro o filme.

PENTEADO, J. Roberto Whitaker. Ódio. **JRWP - J. Roberto Whitaker Penteadado**, Rio de Janeiro, nov. 2004. Disponível em: <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?offset=285&ID=242>>. Acesso em: 14 set. 2009.